

A FILA DO TEMPO

Viver na cidade é frequentar filas, até mesmo no pequeno mercadinho do jardim Consolação. Numas das últimas vezes que lá estive, fui surpreendido ao reconhecer, logo à frente na fila, uma lépida senhora tentando passar suas compras no único caixa do lugar. Embora o tempo tenha passado, quase 50 anos, a reconheci de imediato. Era uma antiga “paquera” dos tempos imemoriais do IETC e das primeiras edições da FRANCAL, a hoje gigantesca feira de calçados do país que completa 50 anos (que está em São Paulo, mudou-se de Franca muitos anos atrás).

A fila parou por causa de uma caixa de suco que a minha ex-paquera queria levar para a neta, já o tempo não parou. Voltei ao final dos anos 60, início dos 70, quando era um jovem imberbe que havia resolvido estudar arquitetura. A FRANCAL foi realizada na “marra” no então inacabado prédio da prefeitura de Franca, no início da gestão do prefeito Lancha Filho. O prefeito, para fazer o restaurante do evento, aterrou as arquibancadas do que deveria ser um teatro no centro cultural previsto pelo projeto vencedor do concurso público que elegeu o melhor projeto de arquitetura para a nova prefeitura. Até hoje, elas estão lá soterradas pela pouca importância que a cultura tem na cidade.

O projeto da nova prefeitura dos dois jovens arquitetos vencedores, Antônio Sérgio Bergamin e José Guilherme Savoy de Castro, é de 1965. A obra foi iniciada na gestão de Hélio Palermo e continua inacabada até hoje, adulterada por sucessivos prefeitos, culminando com a ideia de Sidnei Rocha (sempre ele pra fazer mer@*&) em cercar com alambrados o prédio modernista, descaracterizando-o de vez. Do conjunto projetado inicialmente, só foi construído o prédio horizontal. A sede da câmara (cheia de curvas) e o prédio das secretarias, uma elegante e esbelta torre de 7 andares, nunca foram executadas, viraram gramados. Sei disso porque estive no apartamento do Bergamin em São Paulo para pegar os originais dos projetos no início dos anos 80, quando trabalhava na prefeitura e houve uma tentativa de construir o plenário original da câmara (as fundações chegaram a ser feitas), ele me mostrou os desenhos originais. Mas tergiverso.

Naquela FRANCAL, eu estava iniciando o curso de arquitetura e fiz o projeto do estande para o curtume do meu pai, então ficava por lá quase o dia todo. Sem nada para fazer após a montagem, oficina do diabo, o jeito era ver as meninas que zanzavam prá lá e prá cá. Foi quando vi a então adolescente (hoje avó) com uma maçã do amor nas mãos. Do segundo andar, onde eu estava, fiquei observando a menina de minissaia e cabelos louros “rabo de cavalo”, acho que ela me viu a observá-la, não gostou e foi fazer outra coisa. Depois voltou, deu uma olhadinha, mas ficou aquela coisa inconclusa, ninguém tomou a iniciativa e ficou por isso mesmo, cada um seguiu sua vida.

O tempo não pára, já disse o Cazusa. Na fila do mercadinho, cinquenta anos passaram como um filme. A jovem vovó afinal se decidiu, ia levar o suco light para a neta mesmo sem saber se ela gostaria e destravou a fila, que já estava impaciente com o impasse. Ela se foi novamente e, agora, serão comemorados 50 anos da primeira FRANCAL. Juro, parece que foi ontem.

Mauro Ferreira é arquiteto